

Moda sustentável

Estilistas e designers associados a projetos sociais estão transformando tecidos descartados em peças únicas, customizando materiais



Tradição que constrói valores e inovação que transforma a vida.

Mais que formar, transformar.
Há 77 anos, a PUC-Campinas constrói uma história
pautada em valores que transformam a vida de
seus alunos, revelando talentos e preparando
profissionais mais humanos para a vida.



PUC-Campinas,
77 anos de histórias.



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA



Pensar fora da caixa

*E*u quero mudar o mundo! Talvez você já tenha dito ou ouvido alguém repetir essa frase, que virou até trend nas redes sociais. Mas, com o tempo, parece que aquela energia capaz de mover montanhas vai ficando para trás. A verdade é que ninguém muda o mundo sozinho, mas cada um pode fazer pequenas coisas que melhoram a vida de quem está ao nosso redor. E isso já é um ótimo começo.

É com esse espírito que mais uma edição da revista Há Nexo, da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, chega às suas mãos. Fruto do trabalho coletivo de uma turma engajada e criativa, a edição foi feita para inspirar você, leitor, a enxergar novas possibilidades de melhorar o que está ao seu redor.

Nesta edição você vai conhecer a história de jovens empreendedores que, ainda na faculdade, tiveram ideias que se transformaram em negócios de sucesso. Em um mundo cada vez mais conectado, as oportunidades também se reinventam — e muitas delas cabem na palma da sua mão, com iniciativas digitais.

Foi assim como a Kings League, novo fenômeno mundial que mistura futebol, internet e game. Em uma entrevista exclusiva, o jornalista esportivo Caio Maciel – apresentador da modalidade no Brasil – conta como essa revolução chegou ao país.

Nem tudo, porém, são likes e vitórias. As conexões digitais também trazem riscos, e por isso, preparamos uma reportagem especial sobre crimes virtuais e como se proteger. A Sustentabilidade aparece em duas matérias que mostram como pequenas atitudes — da reciclagem à moda consciente — fazem diferença.

E tem muito mais! Você vai se inspirar com a história de quatro jornalistas que atuam em diferentes áreas; viajar no tempo com o ensaio fotográfico sobre carros antigos e conhecer restaurantes com um tempero especial no eixo Sousas-Joaquim Egídio. É tempo de aproveitar e pensar fora da caixa. Boa leitura!

REVISTA HÁNEXO

é uma revista bianual feita pelos alunos de jornalismo da PUC-Campinas no ano de 2025, como prática da disciplina Jornalismo em Revista e Design de Notícias

CONSELHO EDITORIAL

é formado pelos professores Aduino Molck, Ciça Toledo, Artur Araújo e Karla Ehrenberg

Edição número 21
Ano VII
Dezembro de 2025

Jornalista Responsável
Aduino Molck (MTB: 22.242)

QUEM FEZ...



A revista **Há Nexo** é uma publicação bianual feita pelos alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas em 2025, como prática das disciplinas Jornalismo de Revista e Design de Notícia.

Conselho Editorial

Adauto Molck
 Ciça Toledo
 Artur Araújo
 Karla Ehrenberg

Projeto gráfico

Adauto Molck

Editor de texto

Murilo Sacardi

Reporteres & Fotógrafos

Bruna Souza Azevedo,
 Daniel Rosa
 Diego Luís Linardo Filho
 Enzo Oliveira Cerezuella
 Enzo Zarus Santos
 Giovana Perianez de Souza

Gustavo Maito Cabral

João Pedro Barros

Poccioti

João Victor Amorim Alves

Kauan Panontin Guidi

Maria Luísa Particelli

Faustino

Maria Luiza Machado
 Silva

Théo Miranda de Lima.

Contato

Faculdade de Jornalismo
dir.jornalismo@puc-campinas.edu.br

ONDE ESTÁ...

6

Caminhos Sustentáveis

Poluição no ambiente agrônômico

9

12

O crime agora é virtual

8 perguntas para Nayara Basso

16

20

A saída é empreender

Opções para lazer em Sousas

24

28

O trauma não grita, ele silencia

Caminhos diferentes do jornalismo

30

36

Moda com propósito

Paixão sobre roda

40

51

Todo dia é Copa do Mundo

Caminhos sustentáveis

Coletivo Lixo-Zero, de Campinas, atua como agente de transformação social voltado à redução do descarte inadequado de resíduos

Reportagem

Gustavo Cabral e
João Pedro Barros

Fotos

Gustavo Cabral

Edição

João Pedro Barros

Em meio aos desafios ambientais que marcam o século XXI, iniciativas locais têm mostrado que é possível repensar hábitos e criar soluções sustentáveis de forma coletiva. Em Campinas, o Coletivo Lixo-Zero vem se consolidando como um importante agente de transformação com atuação voltada à redução do descarte inadequado de resíduos, ao incentivo à reciclagem e à promoção da conscientização ambiental. O grupo busca mobilizar a população e pressionar o poder público por mudanças efetivas.

Um dos destaques na atuação do coletivo é a organização da “Semana Lixo-Zero”, evento anual que promove uma grande mobilização na cidade. Durante sete dias, entre o final de setembro e começo de outubro, diferentes setores da sociedade se unem para discutir e refletir sobre consumo consciente, responsabilidade ambiental e os impactos dos resíduos no meio ambiente. A proposta é ampliar o diálogo com a população e estimular a construção de uma cultura mais sustentá-

vel no dia a dia.

Desde o surgimento do coletivo em 2022, as principais integrantes costumam se reunir semanalmente para debater sobre práticas ambientais. “Nós já éramos ativas nesse universo da reciclagem, da preocupação com descarte correto de resíduos, antes do coletivo. Já até nos conhecíamos, foi então que em 2022 decidimos nos unir, formando um grupo com pessoas de diferentes nichos dentro desse tema, mas que conversassem entre si. Temos responsáveis por cooperativas de reciclagem na equipe, assim como membros especialistas em compostagem, por exemplo”, enfatizou Maria Celeste Piva.

Além da conscientização, o grupo realiza ações práticas com forte impacto ambiental. Em 2024, uma mobilização organizada pelo coletivo retirou quase 100% dos resíduos acumulados nas margens do rio Jaguari, um importante curso d’água da região. A ação envolveu dezenas de voluntários e destacou a urgência de proteger os ecossistemas locais do acúmulo de



lixo, especialmente o plástico, que compromete a vida aquática e a qualidade da água consumida por milhares de pessoas. “Tiramos quase todos os resíduos, juntamos muita gente e esperamos fazer o mesmo esse ano. Ainda estamos bolando uma estratégia para atrair mais voluntários”, disse Camilla Meirelles, Embaixadora Lixo Zero.

Outra frente importante do Coletivo Lixo-Zero é a atuação política. O grupo tem se empenhado em dialogar com gestores públicos e pressionar por políticas permanentes de educação ambiental nas escolas da cidade. A proposta é incluir, de forma sistemática, temas como reciclagem, compostagem, separação de resíduos e responsabilidade ambiental no currículo das redes municipais de ensino. Para o coletivo, formar cidadãos conscientes desde cedo é uma das chaves para um futuro mais equilibrado ecologicamente.


“Vamos conversar com o coordenador pedagógico das escolas públicas de Campinas e com os coordenadores de cada

uma dessas escolas. O objetivo é apresentar o problema da gestão de resíduos em Campinas, ver em qual ponto cada escola, e por último organizar alguma iniciativa de mais longo prazo para fazer o encaminhamento adequado dos resíduos em cada escola”, contou Maria Celeste.

O GRANDE VILÃO

A relevância dessas ações cresce ainda mais quando observamos o aumento alarmante da poluição por microplásticos. Presentes em embalagens, produtos de higiene, roupas e diversos utensílios cotidianos, essas partículas minúsculas de plástico têm invadido os ecossistemas com velocidade preocupante. Já foram identificadas em águas subterrâneas, no ar atmosférico e até na corrente sanguínea humana. O problema se agrava com o descarte irregular de resíduos, especialmente nos corpos d’água, como o próprio rio Jaguari. Combater os microplásticos exige não apenas tecnologias de filtragem, mas uma mudança estrutural no consumo e

Na semana Lixo Zero de 2025, a equipe fez a limpeza das margens do rio Jaguari



"Temos responsáveis por cooperativas de reciclagem na equipe, assim como membros especialistas em compostagem"

Maria Celeste Piva
e Camilla Meirelles

no descarte de materiais plásticos.

“O plástico e o vidro são os maiores vilões. O plástico mais do que o vidro, tanto que o vidro pode ser reciclado infinitas vezes, enquanto o plástico vai perdendo o seu valor, ainda mais quando é descartado de maneira incorreta. Potes de iogurte são um perigo, por exemplo, se não forem higienizados e limpos da maneira correta antes de serem descartados, além de não poderem ser reciclados, podem inclusive contaminar os outros recicláveis”, explicou Camilla.

Em paralelo à luta contra a poluição, cresce a necessidade de restaurar os espaços verdes degradados. O reflorestamento surge como uma das ações mais eficazes para recuperar o equilíbrio ambiental. Plantar árvores em áreas urbanas e rurais

contribui para a conservação do solo, a purificação do ar, a regulação do clima e a proteção da biodiversidade. Em Campinas e em outras regiões do país, projetos de reflorestamento têm avançado com o apoio de comunidades, pesquisadores e organizações ambientais. Mais do que recuperar paisagens, o reflorestamento simboliza o compromisso com a vida.

Enquanto o planeta enfrenta crises ambientais sem precedentes, exemplos como o do Coletivo Lixo-Zero em Campinas mostram que a mudança começa nas nossas escolhas diárias. Reduzir o lixo, repensar o consumo, proteger rios e florestas, tudo isso é parte de um esforço coletivo por um futuro mais justo e sustentável. E esse futuro está sendo plantado agora.

Poluição no ambiente agrônomo

Pesquisador científico sênior do Instituto Agrônomo de Campinas fala sobre poluição no ambiente agrônomo

Afonso Peche Filho é pesquisador científico sênior do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), onde atua há 39 anos. Especialista em gestão agroambiental, ele se dedica à avaliação e mitigação de impactos ambientais decorrentes das atividades agrícolas, desenvolvendo e aplicando metodologias voltadas à sustentabilidade dos sistemas produtivos. Nesta entrevista à revista Há Nexo, ele fala dos riscos dos microplásticos à saúde do homem e do ambiente.

Como os microplásticos e demais poluentes chegam ao solo agrícola?

Os microplásticos e outros poluentes chegam ao solo agrícola principalmente por atividades humanas ligadas à produção e ao consumo, atreladas ao descarte inadequado desse resíduo que afetam ecossistemas agrícolas. Pode se dizer que o descarte correto desses resíduos é essencial para evitar que eles cheguem aos ecossistemas agrícolas.

Quais são as principais fontes desse tipo de contaminação nos ambientes rurais?

O uso de fertilizantes, defensivos e corretivos que podem conter partículas plásticas ou contaminantes. Junto a isso, tem a água da irrigação, oriunda de rios e mananciais já poluídos transportam microplásticos e resíduos químicos para as lavouras. Na adubação do solo, resíduos orgânicos e lodo de esgoto aplicados podem trazer microplásticos, metais pesados e outros poluentes.

E a contaminação por plásticos?

Os plásticos utilizados no proces-

so agrícola, como filmes de cobertura de plantações, embalagens de agrotóxicos, mangueiras e fitas de irrigação, que se degradam no campo, liberam liberando partículas. Como se não bastasse tudo isso, o produtor rural precisa se atentar também à qualidade do ar, pois ele pode ter resíduos de plásticos suspensos.

O que se pode ser feito fazer em relação as práticas agrícolas para evitar a poluição relacionada a microplásticos e à descarte irregular de lixo?

O ideal é sempre utilizar responsabilmente os plásticos agrícolas, substituir gradualmente filmes plásticos, fitas e embalagens por alternativas biodegradáveis ou recicláveis e gerir corretamente os resíduos, recolhendo e destinando adequadamente embalagens de defensivos e plásticos usados, evitando abandono no campo. Paralelamente a isso, seria importante observar uma compostagem segura para que os resíduos orgânicos não estejam contaminados. No que diz respeito à proteção da água e do solo, as lavouras deveriam adotar barreiras vegetais, plantio direto e manejo de irrigação para reduzir o carreamento de poluentes. E o mais importante de tudo, educar o agricultor sobre os impactos do microplástico e as práticas corretas de descarte.

E quanto as políticas públicas?

O governo deveria criar normas para limitar o uso de plásticos agrícolas descartáveis e incentivar produtos biodegradáveis e fortalecer programas obrigatórios de recolhimento de embalagens e resíduos plásticos no meio rural. Depois disso, é importante fiscalizar e monitorar o descarte de resíduos sólidos e a qualidade de insumos

orgânicos aplicados ao solo. Tudo isso seria facilitado com incentivos econômicos, como créditos, certificações e benefícios fiscais para propriedades que adotem práticas sustentáveis de manejo de resíduos. E pensando na sociedade de uma forma mais geral, podemos pensar em campanhas de conscientização sobre redução, reutilização e reciclagem de resíduos.

No ambiente agrícola existem práticas de reciclagem eficientes?

Existem diversas, cujo objetivo é reduzir a geração de resíduos e transformar subprodutos da produção em insumos úteis para o próprio sistema. Entre elas destacam-se a compostagem de restos vegetais, esterco e resíduos orgânicos, a reciclagem de embalagens de agrotóxicos por meio da logística reversa realizada por programas como o InpEV, o reaproveitamento de águas residuais após tratamento, a utilização de palhada e restos de poda como cobertura ou adubo verde e, em alguns casos, a produção de bioenergia a partir de bagaço, cascas ou esterco. Essas práticas contribuem para a sustentabilidade produtiva e para a redução da poluição, especialmente no que se refere à entrada de microplásticos no solo. Muitos resíduos plásticos descartados de forma incorreta, como filmes de cobertura, fitas de irrigação ou embalagens, acabam se fragmentando e contaminando o ambiente agrícola.

Elas são comuns tanto em grandes plantações como no contexto da agricultura familiar?

Em grandes plantações, a reciclagem costuma ser mais estruturada e tecnológica, contando com biodigestores, sistemas mecanizados de compostagem e programas organizados de cole-



“As principais fontes de poluição por microplásticos são o uso de fertilizantes, defensivos e corretivos agrícolas”

Afonso Peche Filho

ta. Já na agricultura familiar predominam soluções mais simples, como compostagem caseira, reaproveitamento da palhada e reuso da água, que, apesar da menor escala, também são eficazes para reduzir custos e evitar a poluição difusa. Assim, independentemente do porte da propriedade, a reciclagem agrícola é essencial não apenas como prática de sustentabilidade, mas também como barreira para a entrada de microplásticos e outros poluentes no solo e na água.



PÓS PUC-CAMPINAS

INSCRIÇÕES ABERTAS

ESPECIALIZAÇÃO

- Professores conectados com o mundo do trabalho
- Participação de profissionais de mercado
- Estratégias inovadoras de ensino
- Tecnologias de Ensino a Distância
- Módulo Internacional

CURSOS

MASTER OF BUSINESS ENGINEERING

Módulo Internacional (optativo)

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PROPRIEDADE INTELECTUAL

Multidisciplinar

CONSTRUÇÕES, COMUNIDADES E PLANEJAMENTOS SUSTENTÁVEIS

Módulo de preparação para o
exame LEED GA/GBCI (optativo)

ENGENHARIA DE SEGURANÇA NO TRABALHO

Com visitas técnicas

DESCONTO DE 25% PARA EX-ALUNOS

Inscrições até 10/7
Acesse: www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao

pos@puc-campinas.edu.br

(19) 3343-7661

Campus I

Rua Prof. Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516,

Pq. Rural Fazenda Santa Cândida

Campinas - SP



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Tecnologia

O crime agora é



VIRTUAL



Migração da criminalidade para as telas é um recorte da modernidade hiper conectada. Com isso, surge a necessidade da construção de uma sociedade educada ao ambiente cibernético

Reportagem
Bruna Azevedo

Edição
Murilo Sacardi

Fotos
Bruna Azevedo

A segurança no ambiente virtual tem se tornado cada vez mais frequente em debates políticos e até nas próprias redes sociais. Para a advogada e professora da Faculdade de Direito da PUC-Campinas, Christiany Pegorari, o fenômeno revela uma tendência da migração de atividades criminosas para o mundo virtual.

Para advogada, a sofisticação dos crimes virtuais está associada à sensação de impunidade e anonimato nas telas. “No ambiente virtual você consegue atingir um número maior de vítimas. No caso da pornografia infantil, por exemplo, a gente tem a questão do uso de linguagens que mascaram as intenções do que está sendo dito e compartilhado”, explica.

Segundo o delegado da Polícia Federal de Campinas, Edson de Souza, o crime acompanha a sociedade da mesma forma que acontece com os avanços tecnológicos. Edson complementa que apesar da inovação, modernizar ações rotineiras como pagar contas pelo smartphone ou fazer compras no supermercado pela internet também abre brechas para os chamados cibercriminosos.

Para o delegado da Polícia Federal de Campinas, Edson de Souza, o crime acompanha a sociedade da mesma forma que acontece com os avanços tecnológicos. Apesar da inovação modernizar ações rotineiras como pagar contas pelo smartphone ou fazer compras no supermercado pela internet, ela também abre brechas para os chamados cibercriminosos.

À medida que esses crimes ganham repercussão na mídia, novas modificações legislativas vão surgindo. “Ao observarmos o panorama histórico do país, vemos diversas modificações e o surgimento de projetos de lei relacionados à internet”, afirma Christiany Pegorari.

O professor e coordenador do curso de cibersegurança da PUC-Campinas, Isaías de Queiroz, explica que os cibercriminosos não são o que conhecemos por hackers. Ele cita os chamados script kids, que são jovens sem conhecimentos técnicos especializados que utilizam códigos prontos para invadir sistemas ou roubar dados de outros dispositivos. “O script kid acaba se tornando também uma vítima, porque utiliza links desconhecidos que capturam seus próprios dados. É mais uma forma de engenharia social no ambiente digital”, analisa.

Segundo o delegado, o ato de criar links chamativos para enganar usuários e roubar informações é conhecido como phishing — uma metáfora para o ato de ‘pescar’ dados na rede. “O script kid acaba se tornando mais uma vítima da captura de dados, porque ele faz uso de um link desconhecido. É mais uma vez a engenharia social dentro do ambiente digital”, explica.

De acordo com o professor, a engenharia social é a base de dos cibercrimes. Ela ocorre quando o usuário é convencido a clicar em um link falso, como aquele que oferece um emprego irrecusável ou a compra de um produto em uma promoção. Durante a pandemia, uma vítima – que quis manter o



Christiany Pegorar acredita que a sofisticação dos crimes está associada à sensação de anonimato

anonimato - perdeu cerca de R\$ 26 mil após receber uma ligação falsa do banco e fornecer dados confidenciais. Os criminosos, com muita astúcia, o convenceram a passar diversos dados confidenciais, pelo telefone.

Casos como esse mostram o poder da persuasão nos crimes digitais. “O cibercrime é o reflexo das ações humanas dentro do ambiente digital”, ressalta o delegado Edson de Souza. “É a migração do crime para as telas.”

Com o aumento das ocorrências dos crimes virtuais, o Governo Federal criou em 2023 a Diretoria de Combate a Crimes Cibernéticos, que atua por meio da própria Polícia Federal em quatro frentes: abuso sexual infantojuvenil, crimes de ódio, fraudes bancárias eletrônicas e crimes de alta tecnologia — quando a



Segundo Isaías de Queiroz, a engenharia social é a base da estrutura de todo crime virtual

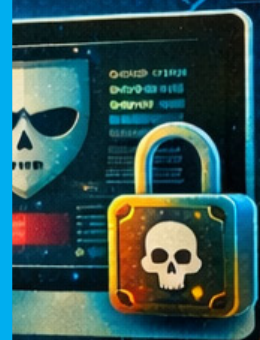
própria ferramenta digital é usada como arma criminoso.

Dados da Diretoria mostram que São Paulo lidera o número de registros de cibercrimes no país, com destaque para casos de abuso sexual infanto juvenil. Segundo o delegado Edson de Souza, o combate aos crimes virtuais passa não apenas pela repressão, mas também pela educação digital e conscientização dos usuários. A ação conjunta pode minimizar o número de futuras vítimas, completa.

Entre as medidas de prevenção, ele destaca o cuidado com a exposição pessoal nas redes sociais. “Um dos maiores facilitadores para a vulnerabilidade do usuário nas redes sociais é a autoexposição, que possibilita aos criminosos explorarem dados compartilhados pelo próprio usuário”.

Como evitar ser a próxima vítima

- 1. Mantenha-se informado.** Esteja ciente dos tipos de golpes mais comuns que ocorrem no ambiente virtual, como *phishing*, fraude em compras *online*, golpes de relacionamentos românticos, entre outros.
- 2. Desconfie de solicitações de informações pessoais.** Nunca compartilhe informações pessoais, como senhas, números de cartão de crédito, CPF, por meio de e-mails, mensagens de texto ou telefonemas não solicitados.
- 3. Verifique a autenticidade dos sites.** Ao fazer compras *online*, verifique se o site é seguro e autêntico. Pesquise opiniões e avaliações sobre a loja virtual.
- 4. Cuidado com e-mails e links suspeitos.** Evite clicar em *links* enviados por e-mails desconhecidos ou suspeitos. Esses links podem redirecionar para sites projetados para roubar informações.
- 5. Fortaleça suas senhas.** Utilize senhas fortes, com uma combinação de letras maiúsculas e minúsculas, números e caracteres especiais.
- 6. Ative a autenticação de dois fatores.** Sempre que possível, habilite a autenticação de dois fatores nas suas contas online. Isso adiciona uma camada extra de segurança.
- 7. Tenha cuidado ao compartilhar informações pessoais nas redes sociais.** Evite fornecer informações pessoais sensíveis nas redes sociais, como data de nascimento completa, endereço residencial e número de telefone.
- 8. Desconfie de ofertas muito boas para ser verdade.** Se uma oferta parecer boa demais, desconfie. Golpistas frequentemente usam ofertas tentadoras para atrair vítimas. Seja cauteloso e pesquise sobre a empresa ou vendedor antes de realizar qualquer transação.
- 9. Mantenha seu software atualizado.** Mantenha seu sistema operacional, navegador e programas antivírus atualizados. As atualizações ajudam a corrigir falhas de segurança e proteger seu dispositivo.



Medicina

“Para o cérebro jovem a nicotina presente nos *vapes* é especialmente perigosa, porque se torna vício com mais rapidez”



Oito pertuntas para... Nayara Basso

Nascida em Minas Gerais, a pneumologista formada pela Unicamp atua com foco no cuidado centrado no paciente, especialmente no tratamento de sintomas como falta de ar e tosse. Com experiência em Medicina Intensiva, realiza atendimentos clínicos e também integra a equipe do Hospital São Luiz, em Campinas.

Aquela festa legal, sábado à noite. Entre um copo e outro, troca de olhares e papo com os amigos, alguém te oferece um *vape*. Você aceita, e dezenove segundos depois, seu cérebro recebe a nicotina. Disso ao vício é questão de tempo. Pouco tempo. O cigarro eletrônico contém altas concentrações de nicotina, o que torna o usuário mais rápido e facilmente viciado.

A nicotina ativa a dopamina, principal neurotransmissor do prazer. Elevando em 150% a liberação do hormônio, o cérebro se acostuma com tais doses de prazer, exigindo doses cada vez maiores. E por isso, para o cérebro jovem, a nicotina presente nos cigarros eletrônicos, também chamados de *vapes*, é especialmente perigosa: o vício chega mais rápido e é difícil de largar.

Um relatório da Organização Mundial da Saúde, divulgado em outubro, revelou que 15 milhões de adolescentes entre 13 e 15 anos de diferentes países já fumam cigarros eletrônicos. A geração Z é nove vezes mais propensa a usar o produto que os adultos.

Para a médica pneumologista Nayara Basso, de Campinas, o dado é alarmante. “O design atraente, o marketing, a variedade de

sabores, a pressão do grupo social e a falsa sensação de segurança fazem muitos jovens acreditarem que o *vape* não é tão prejudicial quanto o cigarro”, afirma.

O que o jovem precisa saber antes de usar o *vape*?

O principal risco conhecido é a inflamação das vias aéreas. As substâncias inaladas irritam os brônquios e os alvéolos, podendo causar tosse crônica, chiado no peito e falta de ar. Além disso, há o risco de doenças pulmonares agudas, como a EVALI (E-cigarette or Vaping Associated Lung Injury), que pode levar a danos pulmonares graves e até a necessidade de internação hospitalar. A longo prazo, a exposição contínua a esses produtos pode prejudicar a saúde pulmonar, tornando os jovens mais suscetíveis a infecções respiratórias e ao desenvolvimento de condições crônicas como bronquite.

O *vape* é mais prejudicial que o cigarro normal? Por quê?

Ambos são prejudiciais. A ideia de que o cigarro eletrônico é “seguro” ou “menos prejudicial” é perigosa, pois leva muitos jovens

a experimentar e se viciar, abrindo a porta para outros produtos de tabaco ou simplesmente causando danos específicos do *vape* que ainda estamos começando a entender por completo. Portanto, embora as formas de dano possam ser diferentes, ambos representam uma ameaça séria à saúde.

E a pessoa fica dependente mais facilmente?

Quanto à dependência, muitos *vapes* contêm nicotina em alta concentração e muitas vezes em formas que são absorvidas mais rapidamente pelo corpo. Para um cérebro jovem, que está em fase de desenvolvimento, a nicotina é especialmente perigosa, pois ele (usuário) se torna viciado com mais facilidade e rapidez. Isso pode levar a uma dependência mais intensa e rápida do que a observada com cigarros tradicionais.

O consumo de *vape* pode aumentar as chances de câncer de pulmão?

Essa é uma pergunta muito importante. Embora o cigarro tradicional seja uma causa comprovada de câncer de pulmão, para o *vape*, os estudos ainda são recentes e a relação direta com o câncer de pulmão a longo prazo ainda não é totalmente estabelecida como no cigarro. No entanto, isso não significa que não há risco. Sabemos que o cigarro eletrônico contém substâncias com potencial carcinogênico (que podem causar câncer), como os metais pesados e alguns compostos orgânicos voláteis, como o formaldeído. A exposição contínua a esses irritantes e tóxicos pode, sim, criar um ambiente propício para o desenvolvimento de alterações celulares que, ao longo do tempo, poderiam levar ao câncer.

Quais são essas substâncias?

O líquido dos *vapes*, conhecido como *e-liquid*, é composto por várias substâncias que são aquecidas e transformadas em vapor, para inalação. As principais são a nicotina, que causa dependência e está presente em muitos *vapes* em níveis altíssimos; o propilenoglicol e o glicerol, que são as bases do líquido e produzem esse vapor que a gente vê, e que levanta preocupações sobre irritação dos caminhos

que o vapor passa no corpo; aromatizantes, responsáveis pelos sabores variados, como frutas, doces, menta, entre outros que tornam o produto atraente, e muitos deles podem causar doenças pulmonares graves quando inalados; metais pesados, como níquel, chumbo e cromo, que são tóxicos quando inalados; além de substâncias químicas liberadas no ar, como benzeno e formaldeído, que são irritantes respiratórios e alguns são conhecidos por causarem câncer.

Por que os jovens são os que mais usam *vapes*?

Existem várias razões para isso. Os produtos são frequentemente comercializados com designs modernos e que remetem a doces e jogos; a enorme gama de sabores que mascara o gosto forte da nicotina e torna a experiência mais agradável a quem nunca fumou; muitos jovens acreditam que o *vape* é uma alternativa mais segura ou saudável ao cigarro tradicional, o que não é verdade.

As redes sociais têm papel nisso?

A popularização dos cigarros eletrônicos nas redes sociais, com influenciadores e amigos usando, cria uma pressão social para experimentar e se integrar a grupos; os dispositivos são fáceis de comprar, muitas vezes ilegalmente por menores de idade e são discretos, podendo ser usados sem que pais e professores percebam e o vício em nicotina, porque uma vez que experimentam e se viciam, torna-se muito difícil parar.

Muitos jovens não têm a consciência dos riscos do uso dos *vapes*. Que tipos de ações deveriam ser feitas pelo poder público para reduzir o consumo?

Acredito que para conscientizar os jovens sobre os riscos do *vape* e combater a percepção de que é inofensivo, precisamos ter uma abordagem multifacetada e direcionada. É preciso ter educação nas escolas, campanhas nas redes sociais, depoimentos reais de jovens que sofreram as consequências do uso do *vape*, envolvimento de pais e educadores na conversa sobre o tema, uma regulamentação mais rigorosa, além da oferta de recursos e programas de apoio para jovens que desejam parar de fumar.



Reportagem e
Imagem
Murilo Sacardi

Edição
Murilo Sacardi



CURSOS DE ATUALIZAÇÃO

INSCRIÇÕES ABERTAS

15% DE DESCONTO

**PARA ALUNOS,
EX-ALUNOS
E CONVÊNIO**

ÁREAS DE CONHECIMENTO

- Ciências Exatas/Tecnologias
- Ciências da Vida/Saúde
- Ciências Humanas
- Economia e Administração
- Linguagem e Comunicação



Informações e inscrições:
puc-campinas.edu.br/extensao



@extensaopuccampinas

Contato:

E-mail: cce@puc-campinas.edu.br

Telefone: (19) 3343-7663



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

A saída é empreender

Reportagem

Enzo Zaros
João Amorin

Fotos

João Amorin

Edição

Enzo Zaros

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), no período de 12 anos, mostra que o empreendedorismo entre o público de 18 a 29 anos cresceu 25%. E o faturamento alcançou o melhor resultado da história em 2024

O mundo do empreendedorismo jovem no Brasil nunca esteve tão agitado. Nos últimos anos, principalmente depois da pandemia, abrir um negócio deixou de ser só uma ideia e virou uma alternativa real para transformar vidas e criar soluções diferentes. Os jovens estão encontrando oportunidades não só no digital, mas também em iniciativas locais, usando tecnologia, criatividade e conexões estratégicas. Nesse cenário, muita coisa boa surge de necessidades reais e de ideias que, quando bem estruturadas, podem gerar impacto social e econômico de verdade.

Em um estudo feito pelo Sebrae, que desde 2012 analisa os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), no período de 12 anos o empreendedorismo entre o público de 18 a 29 anos cresceu 25%. Já o faturamento alcançou o melhor resultado da história em 2024.

Um exemplo é Matheus Esposito,

que criou o aplicativo CuidaMais.App. Natural de Campinas. O projeto começou a ser desenvolvido na sala de aula, no curso de Engenharia de Produção na PUC-Campinas. Com o amigo João de Oliveira Netto, eles criaram uma plataforma escalável, que conecta familiares de idosos e cuidadores de forma segura e eficiente.

Esposito conta que seu interesse pelo aplicativo começou como um desafio pessoal. Quando sua avó desenvolveu Alzheimer, ele percebeu como é difícil para os familiares encontrarem cuidadores confiáveis. “Desde criança, sempre gostei de criar soluções para problemas reais”, diz ele. “E quando minha avó ficou doente, vi que dava para resolver essa necessidade digitalmente”.

Ele reforça que não basta só ter uma ideia. “É importante validar, testar protótipos e montar uma equipe sólida. O objetivo é criar algo que funcione de verdade para as pessoas”, afirma.



Matheus Esposito:
jovem empreendedor
sócio da empresa
cuidamais.app

Sobre rodas

Enquanto Esposito criou um dispositivo a partir de uma necessidade real, Gustavo Moraes, cofundador do 4UCar - uma empresa que integra serviços automotivos que tem como objetivo ajudar o motorista a resolver problemas com seu carro - apostou na inovação digital em um setor tradicional, o automotivo. “Criamos a startup aos 16 anos e foi uma baita experiência”, declara.

Hoje, aos 23 anos, Moraes faz Faculdade de Engenharia de Software na PUC-Campinas e, ao lado de mais quatro sócios, dirige a empresa, que está instalada no Mescla, o programa de inovação e empreendedorismo da Universidade. “Focamos em lançar uma versão mínima do 4UCar - que leva o nome da empresa - ajustar tudo que era necessário e atender uma demanda real”, afirma.

No entanto, ideias sozinhas não garantem sucesso. É aí que entra o Bruno Vital, da Incubadora da Unicamp, a incubadora é um braço que surgiu da necessidade em implementar mecanismos efetivos para interação sistemática entre a Unicamp e o setor de produção. Ele explica que uma incubadora é um lugar que dá suporte técnico, jurídico, financeiro e ajuda no networking, permitindo que startups amadureçam e conquistem os primeiros clientes. “Ter uma boa ideia é só o começo. Sucesso depende de execução, equipe firme e modelo de negócio sustentável. A gente ajuda o jovem empreendedor a superar desafios de capital e validação, transformando conceitos em empresas de verdade”, destaca Bruno. A incubadora mostra que ter apoio e estar num ecossistema certo é tão importante quanto criatividade in-



Gustavo Moraes:
cofundador do 4UCar
- uma empresa que
integra serviços
automotivos



dividual.

O professor Celso Pedroso, da Faculdade de Administração e Assessor da PUC-Campinas mostra que a prática acadêmica pode virar negócio real. Na disciplina “Negócios e Empreendedorismo em Comunicação”, alunos criaram projetos que viraram startups de software, ranários comerciais, fábricas de gelo, motoboys na selva amazônica e até empresas de bombom de cupuaçu exportadas para a Europa. “Ensinar teoria é importante, mas a prática desperta interesse e ensina a lidar com desafios de verdade. Muitas empresas surgem da identificação de problemas e da aplicação de soluções, passando por prototipagem, teste e validação”, explica Pedroso. Ele lembra que o empreendedorismo digital tem oportunidades de baixo investimento e grande escalabilidade, mas exige planejamento, gestão financeira e saber precificar direito.

A história dele mostra que agir rápido, iterar e ter parceiros certos é o que conecta jovens a oportunidades de verdade. O cenário jovem de empreendedorismo no Brasil mostra que, mais do que tecnologia, o que move esses projetos é identificar problemas, criar soluções viáveis e se conectar com quem pode apoiar.

Seja conectando familiares a cuidadores com o CuidaMais.App, digitalizando serviços automotivos com o 4Ucar, estruturando ideias dentro de incubadoras ou transformando práticas acadêmicas em empresas de sucesso, todos esses casos têm algo em comum: visão de futuro, coragem e dedicação. Os jovens não estão só construindo negócios, estão moldando o futuro do mercado brasileiro, mostrando que inovação, aprendizado prático e apoio institucional são essenciais para transformar sonhos em realidade.

Prof. Celso Pedroso:
 “Ensinar teoria é importante, mas a prática desperta interesse e ensina a lidar com desafios de verdade”

Empresas que surgiram na aula do professor Pedroso

Algumas empresas que surgiram na disciplina “Negócios e Empreendedorismo” começaram como uma simples atividade e conseguiram sair do papel, mostrando que uma boa ideia que atenda uma necessidade pode obter sucesso.

- Plataforma de software inovadora
- Ranário: criação e exportação de rãs
- Fábrica de gelo e motoboy na selva amazônica
- Empresa de bombom de cupuaçu
- Recarga de cartuchos de impressoras
- Fazenda de peixes

SOBE

Sustentabilidade em destaque

Empresas focadas em práticas sustentáveis ganham espaço e visibilidade.

Negócios digitais em crescimento

O comércio eletrônico e a presença digital tornam-se vitais para empresas.

Adoção de tecnologias inovadoras

Empresas que investem em inovação terão vantagem competitiva.

Valorização da diversidade e inclusão:

Empresas que promovem a diversidade serão reconhecidas e valorizadas.

Novos modelos de negócio

Surgem oportunidades com modelos de negócio alternativos e inovadores.

Experiência do cliente em foco

A satisfação do cliente ganha importância estratégica para os negócios.

Empreendedorismo social em ascensão

Negócios com propósito social são cada vez mais reconhecidos e valorizados.

DESCE

Comércio tradicional sem diferenciais

Lojas físicas que não têm presença online ou diferencial estão perdendo mercado. O consumidor moderno quer conveniência e inovação, e esse tipo de negócio não entrega.

Serviços pouco digitalizados

Negócios que não usam tecnologia para melhorar processos ou expandir têm dificuldade. Sem digitalização, fica difícil escalar e competir com quem investe em inovação.

Produtos de baixo valor agregado e alta concorrência Mercadorias sem inovação acabam saturando o mercado. Sem diferencial competitivo, é difícil atrair clientes e lucrar de forma sustentável.

Dicas de ouro de Gustavo Moraes, da 4UCar

Procure um mercado que você conheça, valide a solução, lance rápido e faça iterações constantes. Escolha bem seus sócios e aprenda bastante no processo. A criação de uma startup é uma receita replicável para outros negócios.

- Identifique uma necessidade real
- Valide sua ideia com potenciais usuários
- Busque parceiros e sócios competentes
- Lançamento rápido e iteração constante
 - Saiba precificar e gerenciar seu capital
 - Mantenha o pé no chão e aprenda com o processo

Lugares

Opções para lazer em Sosas e Joaquim Egídio

De restaurantes com alta culinária a charmosos cafés e empórios, a combinação entre natureza e a diversidade de sabores atrai quem busca tranquilidade e experiências diferenciadas. Há Nexo traz um roteiro especial para você conhecer alguns desses locais.

SOUSAS - Para quem busca a autenticidade e o calor da cozinha brasileira, um nome se destaca no coração de Sosas desde 2004, o **Fogão Mineiro**. Desde a sua inauguração, o restaurante se tornou uma referência em terras paulistas no que há de melhor da culinária brasileira tradicional. É mais do que um restaurante: é um convite a uma imersão sensorial onde o aroma da comida caseira e o charme do interior se encontram.

O segredo do sabor está no coração do restaurante - o fogão a lenha, que confere um toque inconfundível aos pratos e cria um ambiente acolhedor. O cardápio é um festival de opções que agradam a todos os paladares. O destaque da casa é o Tutu Especial: uma combinação rica e farta, feito de picanha succulenta, tutu de feijão, couve refogada, ovos fritos, linguiça caseira, torresmo crocante, vinagrete, banana à milanesa e arroz.

Luciana Ferraz frequenta o Fogão Mineiro há mais de 10 anos, e falou sobre sua experiência no restaurante. “O Fogão Mineiro é um lugar muito aconchegante. Comer aqui é uma experiência muito deliciosa e completa, além de preços acessíveis, a comida é divina e as sobremesas são muito saborosas. Costumo trazer amigos e familiares

Longe do ritmo agitado do centro urbano de Campinas (SP), os dois distritos preservam uma atmosfera bucólica. A paisagem é marcada por áreas verdes e trechos rurais

Reportagem

Enzo Oliveira
Maria Luisa Faustino

Edição

Maria Luisa Faustino

Imagens

Enzo Oliveira



aqui para comemorar alguma data especial, e sempre é impecável. O atendimento é muito bom, todos são muito atenciosos”, pontuou. “O ambiente faz realmente você viajar para o interior de Minas Gerais, mesmo em Campinas”, finalizou Luciana.

Além desse clássico, o estabelecimento surpreende com uma variedade que inclui vários tipos de escondidinhos, peixes frescos, saladas leves, grelhados e pratos executivos, perfeitos para o dia a dia.

Na rua Pedro Antonio Pierro, 112, na Vila Sônia em Sousas, surge um espaço que é, ao mesmo tempo, refúgio e palco de ideias. O **Cooltivate**, um café que nasceu da visão e paixão de uma mulher, Patrícia Jordan. Transcende o simples ato de servir a bebida. Indo além do aroma reconfortante. Com uma proposta inovadora, ele se estabeleceu rapidamente como um local acolhedor onde a natureza, um café da tarde e o encontro entre pessoas se reúnem em torno de xícaras de sabor e conversas inspiradoras.

Patrícia conta que além da sua família, as plantas são a sua maior inspiração para a criação do café. “a inspiração foram as plantas na verdade. a ideia era ter uma coisa separada, a loja de plantas e a cafeteria, depois a gente resolveu juntar as duas coisas porque achei que falassem a mesma língua”

No Cooltivate, a experiência vai além da pausa para o café. O lugar tem um menu que abraça tanto o conforto quanto a leveza. Aos clientes, o aroma do grão recém-passado logo se junta à pedidas que já se tornaram as favoritas da casa, a combinação perfeita da geleia de frutas vermelhas com a crocância da granola, o frescor revigorante do açaí na tigela para os dias mais quentes, e a equilibrada salada da casa, uma opção leve e saborosa que agrada a quem busca uma refeição mais saudável.

Funcionando à base de mulheres, o Cooltivate é uma junção de paixões



O buffet à vontade do Fogão Mineiro conta pratos para todos os gostos, sempre com o toque especial de ser feito no fogão a lenha

O Café Maritaka é um ponto comum para ciclistas fazerem uma parada



JOAQUIM EGÍDIO - O distrito é um convite ao escape. A beleza do distrito com suas estradas de terra que remetem ao passado, e a intensa área verde que o cerca faz dele um ponto focal para o turismo e lazer em Campinas. Lá, a natureza não é mero pano de fundo, ela é a protagonista que inspira atividades ao ar livre, desde o popular cicloturismo pelas trilhas até a famosa Trilha da Bocaina.

Junto à esse cenário de tranquilidade, a gastronomia floresceu de forma robusta, transformando o local em um circuito de sabor onde a culinária de alto padrão se mistura à charmosos bares rústicos, solidificando o distrito como um destino completo para quem busca aventura e, claro, um prato delicioso.

E já que estamos falando de turismo, é impossível não falarmos sobre a **Capela de São Roque e São Joaquim**. Construída por volta de 1870 no antigo bairro Laranjal, a capela foi construída em um terreno doado por Joaquim Egídio de Souza Aranha (da Fazenda Sertão), para homenagear São Joaquim.

É a única igreja de Joaquim e foi tombada em 2003. Anualmente, são realizadas festas em honra a São Joaquim com a participação da comunidade e de vizinhos. “A primeira coisa que sempre me chama atenção é o clima do lugar. Joaquim Egídio já tem aquela vibe mais tranquila, mais afastada, e quando você chega na capela parece que tudo fica ainda mais calmo. É aquele silêncio gostoso, sabe? Não é vazio, é um silêncio que meio que te abraça. E eu gosto muito de como ela é simples, mas bonita. Não é uma construção gigante ou cheia de firula. É tudo mais rústico, mais antigo, e isso dá um charme todo especial.” Afirma Seu Antônio, frequentador do local.

Para quem troca o barulho da cidade pelo som dos pneus no cascalho, o distrito é mais do que um refúgio. Conhecido pelos amantes do cicloturismo, o local atrai uma

comunidade vibrante de atletas e entusiastas que buscam desafios e paisagens de bike.

Os ciclistas encontram nos mais de 25 quilômetros de estradas rurais e trilhas o cenário perfeito para a superação. Entre os percursos mais procurados, a desafiadora **Trilha do Bocaina** se destaca, sendo um teste de resistência e habilidade que recompensa o esforço com vistas espetaculares.

“O ciclismo para mim é onde eu consigo relaxar, independente da distância ou da rota aquilo me motiva cada vez mais... a trilha do Bocaina foi um desafio e tanto, mas no fim com a cabeça no lugar, aquilo se tornou uma das minhas melhores experiências da vida”, afirma Luan Santos Rocha, que tem o cicloturismo como principal hobby.

Em total sintonia com o espírito bucólico de Joaquim Egídio, existe um lugar que é quase uma viagem no tempo: o **Café Maritaka**. O local se transformou em um ponto turístico no distrito e o cheiro do passado colonial ainda paira no ar. O cliente encontra mais do que uma xícara de café, mas desfruta de uma experiência que celebra a história e a natureza.

Cercado por um verde intenso e mantendo uma atmosfera charmosa e rústica, o Maritaka oferece desde inúmeros cafés e bebidas quentes à sobremesas deliciosas, a exemplo da famosa Chocotaka, entre outros doces e salgados.

Quem passa pela rua e vê uma portinha singela para tomar um café, não imagina a surpresa ao entrar no local. “Simplesmente maravilhoso ser surpreendida por um ambiente que mescla ambiente coberto e também ao ar livre em meio a tanta natureza. O atendimento é incrível, todos muito solícitos e gentis. E não poderia deixar de falar das opções do cardápio. Aproveitei o menu de almoço e já estou ansiosa para voltar e experimentar as opções de café da manhã” diz Mônica da Silva, cliente do local.

Fogão Mineiro

Rua Cel Alfredo

Augusto do Nascimento, 1052, em Sousas. Horários: 11h às 16h (seg. a qui.); 11h às 0h (sex. e sáb.); 11h às 16h30 (dom.)

Cooltibe

Rua Pedro Antonio Pierro, 112, na Vila Sônia em Sousas. Horários: 9h às 19h (ter. a sex.); 9h às 16h (sáb.); 9h às 12h30 (dom.)

Café Maritaka

Rua Dr. Heitor

Penteado, 1580 em Joaquim Egídio. Horários - 12h30 às 19h (quinta e sexta); 8h às 19h (sábado, domingo e feriados)

O trauma não grita, ele silencia

Juliana Danelon sempre soube que ouvir as pessoas era mais do que uma habilidade era uma missão. Desde cedo, percebeu que as dores emocionais, muitas vezes silenciosas, precisavam de espaço e acolhimento, principalmente se tratando de crianças. Foi assim que escolheu a Psicologia como caminho; não apenas para entender o comportamento humano, mas para ajudar a transformá-lo.

Ao longo da sua trajetória, Juliana construiu uma carreira marcada pelo cuidado, pela escuta ativa e pela busca constante de equilíbrio entre mente e corpo. Seja no consultório ou em projetos sociais, ela fala sobre saúde mental de forma acessível, real e necessária além de contribuir para a formação e educação de crianças.

O que pode gerar traumas na infância que se carregam para a vida adulta?

Quando a infância é atravessada por exigências e padrões adultos, a criança cresce acreditando que só será amada se “performar” — não se for quem realmente é. Isso cria adultos que vivem em alerta, com medo de errar e dificuldade em construir vínculos saudáveis. O trauma, aqui, não grita, ele silencia. Isso cria adultos que vivem em alerta, com medo de errar e dificuldade em construir vínculos saudáveis. O trauma, aqui, não grita: ele silencia. Passam a ser escravos...

Quando falamos em “adultização das crianças”, do que exatamente estamos falando? Quais são os

principais sinais desse comportamento hoje?

É quando a criança passa a agir, pensar e se comportar como adulta antes da hora, copiando posturas, linguagens e padrões que não condizem com sua fase. Parece maturidade e até mesmo inteligência mas é um roubo da infância. A criança esta em faz de conta, vivendo uma realidade e uma rotina totalmente fora do “normal” pra sua idade e passa a apresentar comportamentos espelhados aos adultos nos quais consome, principalmente na internet.

Que tipo de apoio psicológico ajuda nesses casos?

Terapia infantil com foco em vínculo, escuta e segurança emocional. Quanto antes o cuidado chega, maior a chance de transformar feridas em aprendizado. Na maioria dos casos essas crianças precisam que seus pais passem por um processo de letramento e informação. Eu indicaria que os pais dessas crianças fizessem terapia imediatamente. A internet muitas vezes normaliza comportamentos adultos em crianças.

Como introduzir a criança na internet com segurança?

De forma gradual, com tempo controlado e conteúdos adequados. Primeiro se ensina o valor, depois se dá o acesso — como entregar um mapa antes da estrada. Eles tem que saber que os adultos são guardiões e que vão sim monitorar. E principalmente não deixe que seja de forma precoce.

Muitas crianças são induzidas a internet pelos próprio pais, e isso acaba criando uma dependência ao que a internet entrega junto a imersão ao meio digital ao decorrer do tempo.



Juliana é formada há 20 anos, e atua no atendimento clínico e ambulatorial. Fez pós-graduação em Saúde Mental na USP e Unicamp

Qual o papel dos pais e educadores para prevenir a adultização em seus filhos?

Ser presença antes de ser filtro. Acolher antes de brigar. Proteger não é só bloquear telas, é conversar, acolher e ensinar que ela não precisa ser adulta para ser amada. Crianças precisam mais de olhos que as vejam do que de telas que as vigiem.

Como isso afeta o desenvolvimento emocional e psicológico?

Interrompe etapas fundamentais do amadurecimento. A criança pode desenvolver ansiedade, insegurança e baixa autoestima : como um prédio sem alicerces firmes. A criança cresce achando que precisa “performar” para ser amada. Vira um adulto em alerta constante, um amadurecimento precoce imposto na infância que pode acarretar problemas psicológicos maiores.

Como a internet e as redes sociais têm acelerado esse processo de adultização? Existe um limite entre curiosidade natural e exposição precoce?

A internet e as redes sociais trouxeram um acesso quase ilimitado a informações e comportamentos que, há alguns anos, faziam parte apenas do universo adulto. Hoje, crianças e pré-adolescentes são expostos a conteúdos sobre aparência, relacionamentos e consumo antes mesmo de terem maturidade emocional para compreendê-los. A curiosidade faz parte do desenvolvimento, é natural que a criança queira entender o mundo adulto. O problema começa quando essa curiosidade é alimentada por estímulos que ultrapassam a capacidade de interpretação e crítica da criança, gerando comparações, ansiedade e uma busca precoce por validação. O limite está justamente aí: quando a curiosidade deixa de ser saudável e passa a gerar sofrimento, pressão estética ou comportamentos inadequados à idade.

Muitos pais acham “fofo” quando os filhos imitam influenciadores ou comportamentos adultos. Onde está a linha entre brincadeira e um alerta para atenção?

É comum que a criança aprenda por imitação, faz parte do processo de aprendizado. Porém, quando essa imitação começa a reproduzir padrões adultos de forma exagerada, como falas sexualizadas, poses, consumo de produtos ou preocupação excessiva com aparência, é importante acender um sinal de alerta. O “fofo” pode rapidamente se tornar um reflexo de exposição indevida. O papel dos pais é observar o contexto: a criança está brincando de forma espontânea ou tentando “performar” para agradar e se encaixar em um modelo que vê nas redes? Se o comportamento estiver ligado à necessidade de aprovação ou à comparação com influenciadores, é hora de intervir com diálogo e orientação.

Qual é o papel da escola e dos profissionais de saúde mental nesse diálogo sobre limites, autoestima e infância digital?

A escola e os profissionais de saúde mental são aliados fundamentais das famílias. Precisamos falar de educação digital desde cedo não apenas sobre segurança na internet, mas também sobre autoconhecimento, autoestima e pertencimento.

A escola pode promover rodas de conversa, projetos e reflexões sobre identidade e imagem corporal, ajudando os alunos a entenderem o impacto das redes sociais em suas emoções. Já os psicólogos têm o papel de acolher e orientar, tanto crianças quanto pais, para que consigam construir uma relação mais saudável com o mundo digital.

O diálogo aberto e constante é o melhor caminho para garantir que a infância continue sendo um espaço de descoberta, e não de pressão.



Reportagem
Diego Linardo

Imagens
Diego Linardo



A psicóloga e psicanalista Juliana Denelon acredita que a internet normaliza comportamentos adultos em crianças

Histórias



Diferentes caminhos para trilhar o jornalismo

No jornalismo, não existe uma única fórmula para o sucesso. As histórias de Daniela Lemos, Heitor Freddo, Cássio Ribeiro e Mariana Camba são a prova disso. Cada um trilhou um caminho próprio, cheio de reviravoltas, desafios e descobertas. Todos, no entanto, foram movidos pela mesma paixão: o poder de contar histórias. O que torna suas trajetórias ainda mais fascinantes é observar como elas se desdobram em setores distintos da comunicação hoje, demonstrando a versatilidade da profissão.

Heitor Freddo, o garoto do rádio que hoje comanda o Brasil Urgente na Band Campinas, aprendeu com o pai a traduzir emoção em notícia ao vivo. Daniela Lemos, que já chefiou a redação em uma grande emissora

de TV, transformou a demissão na pandemia em recomeço e hoje está à frente da assessoria de imprensa da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec). Mariana Camba passou pela TV e depois de um tempo na Irlanda, reencontrou o prazer do jornalismo nas páginas do Correio Popular, de Campinas. Cássio Ribeiro, com 38 anos de EPTV, segue como o olhar atento por traz das imagens que chegam até o público.

Estas quatro histórias vão além da carreira. Elas falam sobre resiliência, identidade, resiliência e propósito no fazer jornalístico. Para quem sonha em entrar no jornalismo ou já vive alegrias e tropeços na profissão, vale conhecer estes profissionais, que continuam acreditando no poder da palavra e da escuta.

Dos estúdios às assessorias, das redações às ruas, as histórias de Daniela, Cássio, Mariana e Heitor revelam como a prática jornalística se transforma sem perder sua essência

Reportagem

Daniel Rosa
Giovana Perianez

Edição

Giovana Perianez

Imagens

Arquivos Pessoais



“Não desista do rádio. Mesmo que os programas não sejam mais os mesmos em função da internet, não desista. Procure adequar-se às novidades. O rádio é o veículo mais próximo do ouvinte”

Heitor Freddo

Quando tinha 11 anos, **Heitor Freddo** costumava acompanhar o pai à Rádio Cidade de Jundiaí (SP). Dentro do estúdio, ele se encantava com as transmissões feitas pelo pai, o radialista e jornalista Adilson Freddo, dos jogos e programas esportivos. Aos 15 anos, Heitor teve a oportunidade de cobrir um jogo do Paulista de Jundiaí no Estádio Jayme Cintra, ao lado do pai. Seu desempenho agradou a chefia de esporte da Rádio Cidade – hoje Difusora de Jundiaí – que resolveu

convidá-lo a narrar as partidas, sempre na companhia do patriarca.

Em 2005, Heitor participou pela Rádio Cidade da cobertura dos jogos do Paulista na Copa do Brasil e foi nessa época que ele viu o time de Jundiaí sagrar-se campeão no campeonato. Foi sua estreia como repórter de um grande evento esportivo. No ano seguinte, ele fez parte da equipe de reportagem na

cobertura da Copa Libertadores da América. Em jogo da fase de grupos, Heitor presenciou a histórica vitória do Galo contra o multicampeão argentino River Plate, por 2x1.

Aos 18 anos, Heitor decidiu cursar jornalismo na PUC-Campinas, onde se formou em 2011. Durante sua graduação, ele teve a oportunidade de participar do projeto “Repórter Estudante”, ao lado de outros colegas, uma parceria da PUC com a Rádio CBN, de Campinas. Pela experiência em rádio, ele coordenou o programa e chamou a atenção do diretor de jornalismo da rádio, na época. O tempo passou e em 2023 ele voltou a encontrar esse diretor, o jornalista Valter Senna, que atualmente é seu chefe na Band Campinas.

Durante a faculdade, Heitor ampliou as suas experiências profissionais, migrando do rádio para a televisão, em 2010, quando entrou para a equipe de jornalismo da TVB, que depois se tornou filiada da TV Record em Campinas, onde ficou até 2023.

Entre as histórias como repórter na televisão, ele gosta de lembrar de duas, que marcaram sua carreira na

Record. Em 2011, a redação da emissora em Campinas recebeu uma denúncia exclusiva sobre uma suspeita de que uniformes escolares da rede municipal estavam sendo vendidos em comércios clandestinos no Paraguai.

Com as informações, Heitor foi enviado com um cinegrafista para Ciudad del Este, no Paraguai. Nas lojas indicadas pela denunciante, havia seguranças fortemente armados e Heitor precisou entrar acompanhado apenas de uma câmera escondida, que flagrou as compras dos uniformes escolares de Campinas.

Após 13 anos como jornalista na Record de Campinas, Heitor recebeu o convite para comandar o Brasil Urgente na Band Mais, filial da TV Bandeirantes na região de Campinas, onde trocou as ruas pelo estúdio. Mas a rádio continua presente em sua vida, ele apresenta também o Manhã Bandeirantes, noticiário local da Rádio Bandeirantes. “O rádio é muito especial para mim, é o que mais gosto de fazer. A televisão também é importante, é um desafio diário apresentar o maior programa da casa, mas os resultados são sempre satisfatórios”.



"A curiosidade é essencial para aqueles que buscam destacar-se, não se conformar com a primeira resposta, mesmo que seja de autoridades"

Daniela Lemos

A trajetória de **Daniela Lemos** é marcada por transformações. Ainda na faculdade, deu os primeiros passos na rádio CBN, descobrindo o prazer de informar. Pouco tempo depois, começou na EPTV, onde construiu uma carreira sólida que atravessou 23 anos e diferentes funções. Até que, a pandemia dissolveu seu cargo e, a segurança que tinha foi junto.

Daniela Lemos ainda na faculdade iniciou sua carreira como repórter na rádio CBN em março de 1995, onde ficou por volta de um ano e dez meses. Com o diploma na mão, em janeiro de 1997 começou sua trajetória mais duradoura, entrou na EPTV como apuradora de notícias.

Na EPTV, passou 23 anos ocupando cargo de noticiário, repórter, chefe de reportagem, chefe de redação e gerente de jornalismo. Em novembro de 2020, durante a pandemia, o cargo de Daniela foi dissolvido.

Naquele momento, a jornalista com 46 anos se deparou com o desafio de reinventar-se e com isso, teve a experiência que julga mais transformadora de sua carreira. “Era 24 anos fazendo aquilo, trabalhando com hard news em televisão. E eu achava que não sabia fazer mais nada. Falei, cara, o que vai ser de mim agora? Eu já não era novinha. Eu estava com 46 anos. Pensei que não sabia fazer mais nada além disso.”

Daniela, sem saber se era capaz de fazer um jornalismo fora de TV, usou a oportunidade para explorar aquelas vontades não óbvias que já tinha tido ao longo dos vinte e quatro anos no audiovisual. “É muito gostoso você descobrir que tem outros talentos, outras competências, que você consegue ir para outros campos.”

Ela fez curso de documentário, mas não se viu naquilo, depois partiu para o podcast que juntava a praticidade e seu amor pelo áudio, mas o retorno financeiro não era o bastante. Também se arriscou como mestre em cerimônia, porém as datas comemorativas não duram o ano todo.

Assim recorreu para o seu bem mais valioso, seus contatos. Por coincidência, destino e muito trabalho duro, aqueles colegas de rua da sua época de CBN e EPTV reconheceram sua competência e ofereceram uma oportunidade na gerência de comunicação da EMDEC (Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas).

Naquele momento, a jornalista se viu na mesma situação de 2020, ou seja, se perguntando se seria possível encarar mais um desafio. Dessa vez, um totalmente fora da sua zona de conforto, comunicação interna e assessoria.

Com muita disposição em maio de 2023, Daniela se tornava gerente de comunicação da EMDEC, cargo que ocupa até hoje. A jornalista conta que foi necessário encarar muito além das cobranças da imprensa, ela aprendeu que existe um universo inteiro de comunicação com o público que a desafia todos os dias.

Depois de tudo isso, a jornalista fala com orgulho. “Se eu posso me orgulhar de uma coisa em mim hoje, é que eu não tenho mais medo da mudança e que eu nunca acho que eu estou velha demais para mudar.”

Após mais de duas décadas de jornalismo, Daniela aprendeu sempre a pensar no amanhã. Hoje ela faz mestrado em Sustentabilidade pela PUC-Campinas e planeja ser professora universitária no futuro.

“Não tenha vergonha ou medo e nem pare no primeiro erro. Treine o olhar para enxergar além do óbvio e não se deixar pautar pelos outros. Acima de tudo, busque pessoas boas para ficar ao lado, porque elas fazem toda a diferença”

Mariana Camba

Mariana Camba nunca imaginou que um dia seria jornalista. Quando estava no ensino médio, ela pensava em seguir a carreira da mãe, que é engenheira. Mas foi em um teste vocacional que Mariana percebeu que seu talento poderia ser explorado em outra opção profissional: o jornalismo. Em 2014, ela passou no vestibular e entrou para na PUC Campinas.

Foi nas aulas de telejornalismo que Mariana descobriu sua paixão pelo audiovisual. No fim daquele semestre, ela recebeu o convite da sua professora na época, a jornalista Carolina Cerqueira – que era chefe de reportagem da TV Record Campinas – para fazer um estágio na emissora. Para aceitar a vaga, Mariana precisou largar o emprego na área da engenharia, onde ganhava mais do que o estágio graças ao curso técnico que havia feito. Mesmo com um salário menor, ela aceitou o desafio e foi para a televisão. “Foi um grande dilema naquele momento da minha vida, mas optei por deixar de lado o salário da engenharia para seguir o meu sonho”.

Mariana ficou seis anos na filial da Record. Ela começou na ronda, passou pela produção e acabou efetivada. “Cheguei a chefiar a equipe de reportagem”, conta. Lá ela conheceu seu “segundo professor”, o Camarão, que a apresentou ao universo da televisão. “Durante minha carreira, tive profissionais que considero meus professores dentro e fora da faculdade”, diz ela.

Em 2020, Mariana foi desligada durante

uma demissão em massa na emissora. Após algumas semanas desempregada, ela encontrou uma vaga como produtora na TV Câmara de Campinas. Depois de alguns meses na televisão do legislativo, Mariana recebeu um convite para fazer parte da equipe do jornal Correio Popular, que passava por um processo de digitalizaçã.

Convite aceito, ela começou a trabalhar no jornal em 2021, quando conheceu outro mentor, Manoel sobrenome, editor chefe de texto. Durante sua passagem no veículo, Mariana confirmou o quanto gostava da rua e de escrever. E não perdia a chance de aprender. “Eu passava horas na redação esperando que meu texto fosse editado pelo Manoel para compreender as alterações antes da publicação”

No final daquele ano, Mariana pediu demissão do Correio Popular para realizar um antigo sonho: fazer intercâmbio e aprender inglês. A cidade escolhida foi Dublin, na Irlanda, onde morou três anos. Lá ela trabalhou em um pub, viajou pela Europa e criou laços que mantém até hoje. “Cheguei a ser aprovada para trabalhar em um jornal impresso da cidade, mas limitações no meu visto impediram que assumisse a vaga”, diz ela.

De volta ao Brasil, em outubro de 2024, ela tentou trabalhar em uma agência de assessoria de imprensa, mas não gostou da rotina e nem do trabalho. Então, decidiu retornar ao Correio Popular, agora como repórter do caderno de cultura, onde está até hoje. Enquanto segue na carreira, fazendo o que gosta, Mariana trabalha para conquistar um visto permanente para voltar à Europa.

“Gosto muito do jornalismo e amei o meu período na Irlanda. Hoje luto para conseguir um visto que me permita exercer a profissão na Europa. Pretendo retornar assim que possível”.





“No jornalismo, é preciso sonhar, persistir e ter curiosidade. Sonhar para ter vontade de seguir, persistir para colher frutos e curiosidade para nunca parar de aprender”
Cássio Ribeiro

Ainda muito jovem, o jornalista **Cássio Ribeiro** não imaginava que uma decisão tomada quase por impulso mudaria sua vida. Filho de metalúrgico e morador de Campinas, José Cássio do Prado Ribeiro apenas queria um emprego com melhor remuneração. Ao ver um pequeno anúncio no jornal oferecendo vaga de auxiliar de cinegrafista na EPTV, em 1987, ele decidiu arriscar. Mal sabia que aquele gesto tímido o colocaria no caminho de uma carreira que atravessaria gerações dentro da emissora.

Na época, sem experiência alguma e com a vantagem da emissora ficar a poucos passos de sua casa, ele entrou para o setor técnico numa época em que a televisão ainda era analógica — e rebobinar fitas era tarefa obrigatória. Curioso, Ribeiro observava tudo.

“Eu ficava olhando eles [os jornalistas] trabalharem, a montarem as reportagens, a construírem a notícia”, conta. “Assim, de longe, fui me encantando cada vez mais com o trabalho”, conta.

Aos poucos, o operador técnico percebeu que não admirava apenas a máquina, mas também a história que estava por trás dela. Ele, então, tentou uma vaga na edição de imagem e, novamente, conseguiu.

“Veio um sinal de alerta da chefia da EPTV na época para quem não tinha faculdade. A edição não linear está chegando

e a gente não sabe o que vai ser no futuro”, contou Ribeiro.

Depois de adquirir muita bagagem profissional com a experiência adquirida na área técnica, Cássio Ribeiro se viu obrigado pela empresa a ter nível superior para continuar crescendo na carreira que estava apaixonando-se.

Nos anos 1990, já completamente envolvido com a rotina da redação e pressionado pela empresa para ter um diploma universitário, ele decidiu cursar a Faculdade de Jornalismo na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Ele trabalhava de dia e estudava à noite.

Nesse mesmo ano ele enfrentou um dos momentos mais desafiadores de sua vida: o diagnóstico de um câncer. Mas a vontade de se formar foi maior e ele conseguiu terminar o curso, um sonho realizado junto com a filha e a esposa.

Sua trajetória mostra que o acaso abriu portas, mas foi sua persistência e determinação que o mantiveram no jornalismo regional. Quase 40 anos depois, ele segue na EPTV como supervisor de imagem. Hoje, é reconhecido não apenas pelo tempo de casa, mas pela empatia, competência e amorosidade com os colegas.

Ribeiro é o tipo de profissional que ajuda a decidir o que vai para o jornal, a escala de diversos profissionais com o mesmo cuidado com que orienta os estagiários na emissora, em início de carreira, como um porto seguro para quem precisa. Ele é referência de jornalista, pai, chefe e amigo. “A gente depende do jornalismo para transformar a realidade e conscientizar o país. Nos últimos anos, isso ficou ainda mais evidente.”, afirma. Cássio Ribeiro, com seu olhar curioso, seu coração imenso e sua técnica, ainda segue encantado pela profissão.



Comportamento

Estilista
Lua Felix
cria coleções
baseadas
em emoções
e vivências
pessoais a partir
de materiais
descartados



Moda com propósito

Reportagem
Malu Machado

Edição
Malu Machado

Imagens
Malu Machado

Estilistas e projetos sociais estão transformando tecidos descartados em peças únicas customizando materiais

Para enfrentar a crise ambiental, estilistas, designers e entusiastas da moda têm dedicado tempo e dinheiro em alternativas sustentáveis para a indústria têxtil. É o caso de Raysa Ruschel, professora do curso de Design de Moda da PUC-Campinas que se especializou em moda sustentável e vem promovendo debates sobre o impacto da confecção de roupas no meio ambiente. Para ela, o setor ainda é elitizado e o custo para produzir peças de baixo impacto ambiental continua sendo elevado, o que pode desmotivar empresas e consumidores que querem fazer escolhas mais verdes.

“O ideal seria fazer todo o descarte correto para realmente mandar para algum tipo de empresa de reciclagem”, afirma. No Brasil, apenas 20% do lixo produzido é reciclado. A docente conta que uma das alternativas para evitar o desperdício das peças é seguir as dicas das etiquetas no momento da lavagem. Ela também recomenda a compra de roupas essenciais, com tecidos duráveis, como: algodão, linho e seda. “É muito mais importante ter o básico de comprar peças com maior qualidade do que só comprar tendências que, daqui a pouco tempo, nem se combinam”, diz.

Para a docente, a falta de fiscalização e de políticas públicas sobre o setor têxtil colabora para o descarte inadequado de



Raysa Ruschel, professora do curso de Design de Moda da PUC-Campinas que se especializou em moda sustentável

materiais usados na produção. A maior parte de desperdício, segundo ela, vem de retalhos e outros tecidos que não são reaproveitados pelo setor.

Algumas empresas e projetos sociais, no entanto, têm investido em reciclagem têxtil e em campanhas de conscientização. “Seria muito bom se toda empresa de confecção trabalhasse com algum tipo de projeto social”, afirma. “Mas a gente também sabe que isso não acontece”, completa.

Trasmutação têxtil

Entre as ações que seguem essa linha está o Ateliê TRANSmoras, de Campinas, um projeto social que promove inclusão e sustentabilidade por meio de oficinas de costura voltadas principalmente a lideranças sociais, costureiras, produtoras, estudantes e pessoas LGBTQIA+.

A estilista, fundadora e presidenta do projeto, Vicenta Perrotta, explica que o curso de moda tem o objetivo de fomentar o pensamento crítico dos alunos, questionar a normatividade e padrões de gênero e desenvolver a transmutação têxtil por meio da reutilização e transformação de tecidos descartados. “O ateliê nasce da necessidade de ajudar as pesso-

as a ter um espaço para produzir, já que não existe [para elas] oportunidades de trabalho”, afirma.

Durante as oficinas, retalhos, tecidos descartados e roupas doadas pela comunidade ganham uma nova utilização. A ideia, segundo Vicenta, é transformar peças já existentes em algo novo e autêntico por meio da reciclagem. “Geralmente as roupas vêm limpas e eu faço as doações para transformar [a peça]”, explica. Diversos materiais, como sementes, cerâmica, papelão, tecido e bordado são usados nas oficinas para criar as peças e trazer inspirações aos estilistas. “A partir do momento em que você começa a trabalhar com o lixo, você desenvolve um outro olhar e ponto de vista a respeito de pensar em solução”, diz.

Desde que começou a frequentar o ateliê, a estilista de moda Lua Felix de Campinas, percebeu que sua autonomia aumentou para desenvolver os próprios projetos. Como consequência, seus negócios se fortaleceram. Atualmente, ela produz roupas personalizadas que são inspiradas nas suas próprias emoções e pensamentos. E, depois, organiza coleções para divulgar os produtos confeccionados.

Vicenta Perrotta promove debates sobre transmutação têxtil e incentiva a criação de peças e ideias autênticas





A estudante Julia Bueno prefere vestir peças leves e coloridas que remetam à praia e florestas

Não é de hoje que Lua se interessa pela produção de peças sustentáveis e customizadas. “Comecei a customizar roupas de bazar e brechó em 2021”, conta. Em 2023 ela deu um passo decisivo na sua carreira com a inauguração da loja Visceral Arte, que não apenas vende suas coleções como ensina o processo de customização. Seus traços, rabiscos, grafites e cores chamativas refletem sua personalidade e seu estado emocional. “Trabalho com sensações e identidade”, afirma.

Segundo Lua, o grafite a ensinou muito sobre senso de coletividade, respeito, liberdade de criação e o impacto da arte sobre as pessoas. Os materiais utilizados em suas roupas são doados e comprados em brechós. Além disso, ela também re-

aproveita em suas peças objetivos não convencionais na moda, como lacres, bijuterias, penas e correntes. “Procuro procura reaproveitar todos os resíduos de uma peça ou tecido, dando atenção especial aos materiais que demoram mais tempo para se decompor, como o jeans e o poliéster.

Consumo consciente

A estudante de Engenharia Ambiental da PUC-Campinas Julia Bueno sempre se interessou por produtos de marcas sustentáveis, mas nos últimos anos ela se engajou mais intensamente com a temática. Desde então, a paixão da estudante pela moda ecológica é visível em suas roupas, sapatos e acessórios. “São marcas com baixo impacto ambiental”, explica. Ela também acompanha campanhas e novidades de lojas que são reconhecidas pela sustentabilidade de suas peças e também por estampar suas coleções com temáticas que remetem à cultura brasileira, como a Farm.

Segundo ela, as roupas desta marca remetem à época em que vivia próxima ao litoral brasileiro há alguns anos e por isso remetem à boas lembranças. O problema está nos preços. “Produtos feitos com materiais sustentáveis tendem a ser mais elevados por conta da mão de obra e matéria prima”, explica. “Um vestido de algodão, bordado, pode custar quase mil reais, enquanto peças similares produzidas com materiais mais baratos, como poliéster, são vendidas pela metade do preço”.

Ela compra roupas apenas uma ou duas vezes por ano e admite que a sustentabilidade ainda é um luxo. “Por mim, viveria de roupas que visam sustentabilidade e a preservação do meio ambiente, mas a questão econômica pesa. São peças geralmente mais caras do que as de fast fashion”, compara.

Apesar dos desafios, a moda sustentável inspira uma nova geração de estilistas que customizam, reaproveitam e repensam a maneira de vestir. Mais do que um estilo, o movimento discute práticas responsáveis que transformam o ciclo de vida do produto, desde sua produção até o descarte. Vamos nessa?



Paixão sobre RODAS

Dirigir um carro, pra mim, é estar com meu pai. Lembro sempre com carinho de passear sentado no apoio de braço de um Chevrolet Monza 91, um “luxo” que não é tão comum nos bancos traseiros de hoje. As maçanetas metálicas, para uma criança de cinco anos, eram difíceis de abrir. O cheiro dos bancos de veludo, imensos e macios, para uma criança era inconfundível. A frente era imponente, pontiaguda como uma cunha. O motor trabalhando, por algum motivo, me acalmava.

Quando tinha uns nove anos, meu pai vendeu o Monza. O valor do carro foi tão alto que trocou por um Gol e um Corsa. Meu irmão habilitado precisava de um carro para trabalhar, e por isso o Corsa foi pra ele. Cresci órfão de carro. Mas essa história tem final feliz. Anos depois compramos um Monza, um pouco mais novo, 95, tão novinho quanto o outro e

da mesma cor, um grafite escuro. Juntos, hoje eu e meu pai, cuidamos dele, fazemos a manutenção e construímos novas lembranças.

O carro para muitos brasileiros, talvez pela dificuldade de adquirir e manter, é muito mais do que um transporte ou símbolo de status. Ele representa afeto, relações e memória. É sobre o carro que foi passado de pais para filhos, a viagem que fez com os amigos, os perrengues que passou e os romances que viveu lá dentro.

Para muita gente, dirigir é um meio de expressão, uma forma de liberdade e um alívio para a vida agitada, e até sinônimo de lembrança. Lógico que nem tudo são flores. Apesar das despesas com combustível e manutenção e do estresse de dirigir no caótico trânsito das grandes cidades, como Campinas, ter um carro é como viver em casal: às vezes irrita, mas dá para melhorar a relação.

Seja por herança, estilo de vida, um sonho de criança ou até mesmo pelo que cabe no bolso, pessoas de diferentes idades mantêm seus carros antigos em circulação



“O que me motiva é o prazer de ter um carro diferente”, resume **Alexandre Francisco Costa**, orgulhoso de seu **Maverick 1977** — o terceiro da coleção. Com visual esportivo, pintura amarela e rodas de época, o modelo chama atenção por onde passa.

O sonho de **Marco Antônio Perina** sempre foi ter um **Gol 'quadrado' 1992**.

Quando conseguiu comprar o seu, descobriu que havia muito mais do que rodas aro 17 e estética: encontrou um estilo de vida que envolve toda a família. “Em todo encontro de antigos, a gente marca presença”, conta. O significado desses momentos se ampliou com o nascimento do filho Lucas, de 6 anos”.



Sérgio Belingeri encontra paz ao volante de um **Ford Aero Willys 1967**, adquirido em 2008 do ex-apresentador da MTV, Cazé Peçanha. Para ele, não há dúvidas sobre o que o motiva: “É a alegria, a família, os amigos que faço pelo caminho. É uma higiene mental tremenda.”



Fabricado antes da Segunda Guerra Mundial, o **Ford Deluxe 1941** de **Ney Gonçalves** foi customizado nos anos 1980 por Paulinho da Lapa. O “Fordão” ganhou motor V8 302 de Mustang, freios a disco e câmbio automático. Para Gonçalves, o carro é um passaporte para o que realmente importa: diversão e amizades ao lado da esposa, Ruth.

Para **Marcelo Leon**, o antigomobilismo é um romance breve. Músico e proprietário da Autoboss, estética automotiva na Vila Esmeralda, em Campinas, ele restaura carros com um propósito: vendê-los. “Vou ajeitando o carro e curtindo antes de passar pra frente”, conta, ao lado do atual “brinquedo de adulto”, um **Del Rey Série Ouro 1984**. Leon garante que não pretende ficar com um antigo por muito tempo — “só se for um Ford Maverick, igual ao do meu pai.”





Há mais de 40 anos, **Arnaldo Bianco** coleciona carros antigos, e histórias. Enquanto o **Alfa Romeo 2300 1976** preserva a originalidade, a maior parte de sua coleção segue a linha “hot”, com modificações personalizadas. Entre os modelos, o Simca Chambord ocupa lugar especial: é idêntico ao que seu pai dirigia nos anos 1970. “Todo antigomobilista tem algum sentimento ligado a carros da família”, afirma.





Aos 21 anos, **João Victor Lima** mostra que a paixão por carros antigos não tem idade. Seu maior orgulho é um **Ford Modelo A 1929** Speedster, um carro de corrida com quase um século de história. É ao volante dessa relíquia — e com acessórios de época — que ele participa todos os anos da Volta do Chapadão, evento gratuito em Campinas que homenageia o piloto pioneiro Benedito Lopes.





Aos sábados, o cruzamento das avenidas José de Souza Campos – mais conhecida por Norte-Sul – e Orozimbo Maia se transforma em ponto de encontro para **André Vieira Filho**, presidente do Veteran Car Club Campinas. Ao volante de um **Karmann Ghia 1967**, ele se reúne com outros colecionadores para trocar histórias e celebrar a paixão por carros antigos. O veículo é uma das atrações, mas é a hospitalidade que faz o público voltar.



Eli Carlos Mira não apenas preserva a história: ele cria novas. Dono de dois **Fuscas, 1968 e 1982**, ele reinventa os clássicos que possui. O modelo 68, na cor roxa, ganhou motor 2.0 de Golf e adaptações no capô para acomodar a nova mecânica. Já o Fusca 82 aposta na modernização: tem injeção eletrônica, sistema multimídia e até painel digital. Para ele, “ter um antigo não significa ficar no passado”.



Há dois anos, **Adailton da Cunha** realizou o sonho de ter um **Chevrolet Omega CD 1993**. “Sempre gostei do Omega, desde menino, quando o FHC andava nele”, conta, em tom de brincadeira. O seu, porém, segue uma linha mais esportiva que a versão presidencial: o motor 3.0 recebeu melhorias como bobina reforçada, injeção programável e radiador de alta performance. “O carro está pronto para turbinar.”





Alexandre Fernandes realizou o sonho de ter um carro antigo ao adquirir uma **Caravan SL 1987**. Mais do que um veículo, ele vê na direção uma experiência sensorial e afetiva. “É um carro que você dirige”, diz, ao destacar uma conexão que, segundo ele, nenhuma tecnologia moderna consegue reproduzir.

Para Jorge Henrique Cruz, dirigir um **Passat Pointer 1987** é também reencontrar o pai, que já morreu e tinha um modelo igual. Ao restaurar o carro, ele transformou a perda em memória viva: a cada saída, revive lembranças que seguem ao seu lado.



Um carro pode ser movido a gasolina, etanol, GNV, diesel, eletricidade, vapor, hidrogênio, ar comprimido e até madeira. Mas para alguns, há algo a mais nos veículos do que combustível. Um carro pode significar paixão e despertar lembranças.



Kings League, o novo futebol

Formato inovador, regras inusitadas e transmissão estilo live: a receita que ameaça o esporte mais popular do Brasil

A Kings League, criada na Espanha pelo ex-jogador Gerard Piqué, tem crescido cada vez mais e usa a internet como palco. O primeiro campeonato de uma nova modalidade, presente no “País do Futebol”, teve uma audiência assustadora, mais de 78 milhões de telespectadores ao vivo somando todas as partidas.

O espetáculo é composto pelos atletas e influenciadores, como Neymar e Coringa, que se envolvem com a competição, mas a transmissão do evento é peça-chave para que ele se torne um atrativo virtual ainda maior. Thauê Neves, jornalista que narrou jogos da competição pelo canal GOAT, no Youtube, falou sobre os desafios desse novo esporte.

“A Kings League Brazil foi um evento desafiador de se cobrir, já que foi a primeira edição, no Brasil, de um esporte que é novo para o mundo. Então, eu não apenas tenho o desafio de entender o jogo e a sensação que ele passa, mas sim de transmitir para aqueles que já estão acostumados e aqueles que a estão conhecendo agora de forma clara tudo que o evento proporciona.”, disse.

Os mais novos se sentem atraídos pela modalidade por conta da dinâmica do

jogo e de suas regras que tornam a partida menos parada se compararmos com o tradicional futebol. Além disso as personalidades e jornalistas que participam das transmissões de forma mais descontraída.

Caio Maciel, jornalista na EPTV Campinas, foi apresentador do evento de inauguração da competição no Brasil e disse que teve certeza que o projeto daria certo no país, “Quando fui chamado, não tive dúvida que daria certo, as personalidades, o formato... era certeza que a nova geração iria pirar”, afirmou.

Por fim, Thauê exaltou a sua relação com a geração mais nova, dizendo que é muito importante para o âmbito profissional essa aproximação com o público. Apenas expondo que apesar de recente, a Kings League é um fenômeno midiático e está em crescimento exponencial.

Já é possível encontrarmos brasileiros, normalmente mais novos, que deixam de assistir o tradicional futebol para acompanhar, ao vivo, a Kings League, que além de ter fácil acesso, é transmitida de forma gratuita no Youtube. Aos poucos uma simples nova modalidade se torna ameaça ao mundo do futebol.

Reportagem

Kauan Panontin
Théo Miranda

Foto

Arquivo Pessoal



“Quando fui chamado, não tive dúvida que daria certo, era certeza que a nova geração iria pirar”

Thauê Neves

Eu, jornalista

Eu sempre soube onde queria chegar e qual a postura que teria que adotar para alcançar meus objetivos profissionais. Nascido em Campinas, há 37 anos. Sou pontepretano, não tinha como o esporte não estar presente na minha vida. Quando fui escolher a faculdade, o jornalismo apareceu em primeiro lugar. Na época, em 2007, eu escrevia uma coluna de esportes e sempre mandava meus textos para o Juca Kfourri, inclusive ele chegou a publicar dois no blog dele.

Enquanto cursava jornalismo na Faculdade, fiz estágio na EPTV, meu primeiro estágio, e, após formado, cheguei a trabalhar seis meses no SBT, mas lá eu não curtia meu trabalho e me sentia muito novo para me prender a ele. Então pedi demissão. Ainda no ano de 2009, um mês depois, para ser mais preciso, a EPTV me chamou, dessa vez para ser redator do site. Ali eu trabalhava com outras pautas, mas sempre me deixei à disposição do pessoal do esporte e propunha pautas. Foi em uma oportunidade dessas que eles me contrataram, gostavam da minha proatividade com pautas que envolviam os times da região.

Comecei a fazer a mesma coisa que fazia com o Juca, mas agora com a Globo de São Paulo. Eu gravava, editava e pedia para um dos nossos colegas mandar o material para a capital logo cedo. Estávamos em 2009 e eu queria trabalhar com o Tiago Leifert.

Todas as minhas decisões daquele momento em diante foram para chegar nele, porque o cara revolucionou a linguagem do jornalismo esportivo. Foi nesse período que criei meu lema, que levo comigo até hoje: “Todo dia é Copa do Mundo”. Isso fala muito sobre suar a camisa, dar a vida ali para crescer, eu tinha que tratar o União Barbarense como se fosse a Seleção da Alemanha.

No entanto, o Tiago não colocava nenhuma reportagem minha no ar... resolvi ligar para tirar satisfação. Eu queria falar

com o Tiago. Quem me atendeu foi uma produtora, mas eu conseguia ouvir a voz dele de fundo. Ele me mandaria um retorno. Quando abri meu e-mail mais tarde, lá estava a resposta dele... uma aula de jornalismo.

Minha chave virou com eles quando, em 2015, eu fiz uma matéria para a EPTV sem falar nada, no estilo cinema mudo, só atuando, pois o elenco da Ponte Preta havia se fechado, por conta de uma sequência de resultados negativos, e ninguém queria falar com nenhum veículo de imprensa. Eles amaram. A partir dali fui emplacando várias e eles me chamaram para um intercâmbio no Rio de Janeiro.

Eu fui avançando. No início seriam cinco dias e por fim acabei sendo contratado como repórter para o Globo Esporte São Paulo e ficando por volta de sete anos lá. Tive momentos de dificuldade, mas também de glória, cheguei a ser apresentador do programa.

Sempre fui apaixonado por games, hoje não abro mão de jogar Valorant, por exemplo, e lá eu tinha um quadro chamado “Sob Controle”, onde eu falava de games dentro do GE. Nesse período fiz um MBA em marketing e apaixonei, e acabei recebendo um convite da EPTV para voltar e trabalhar nessa área. Novos projetos foram surgindo, chegaram a me ligar com a criação da GE TV, por entender que tenho esse perfil, mas, por agora, eu quero estar perto das minhas raízes, em Campinas.

É fundamental se comunicar com a geração Z, seja pelo Instagram, TikTok ou em eventos que os atinjam. Foram essas ações durante minha carreira, sempre ousando e buscando inovação, que me levaram a chegar na Kings League. Eu já conhecia o produto, via no Discord com meus amigos. Eu tinha certeza que ia ser um “boom” aqui no Brasil. Ao contrário de quem acha que só o mainstream é relevante, existe um universo gigantesco que não tá na capa do jornal, não é falado em casa, mas que as pessoas estão vivendo, né?



Reportagem
Kauan Panontin
Théo Miranda

Fotos
Kauan Panontin

Edição
Théo Miranda



**GLOBO
ESPORTE**

'Todo é Copa do Mundo'

Caio Maciel conta sua trajetória de sucesso no ramo, se mantendo sempre em contato com a essência da juventude, a gana para realizar seus sonhos



Programa de Residência Multiprofissional em Saúde